



Francisco Pinto Vidigal

(Setúbal, 20/04/1883 – La Lys, 09/04/1918)

O setubalense que perdeu a vida na batalha de La Lys

Filho do tipógrafo Romão Vidigal e de Januária de Assunção Correia Pinto, casou com Sílvia da Luz Silva Sanches, em 1901, tendo dois filhos: José Vidigal e Maria Irene. Até assentar praça no Regimento de Infantaria n.º 11, em 1903, foi aprendiz de carpinteiro. A sua educação foi realizada inteiramente no meio militar, onde concluiu o 1.º e o 2.º Cursos das Escolas Regimentais de Infantaria (em 1904 e 1905, respetivamente), o Curso de 1.º Sargento (1907) e o Curso Livre de Língua Francesa do R. I. 11 (1908). No seu percurso militar até à Grande Guerra, além de ter sido atirador especial na 3.ª Companhia do 2.º Batalhão do R. I. 11 (1909), passou pelo ramo da instrução, tendo sido professor auxiliar no Curso de Habilitação para 1.º Cabo (1907-1908) e professor do Curso de Instrução (1910-1911).

A tragédia na vida deste oficial setubalense começou quando provocou o homicídio involuntário da sua mulher, com uma pistola, em finais de 1912. Depois de ter ascendido de Sargento-Ajudante (1915) a Alferes (1916), saiu – pela última vez – da sua casa no n.º 70 da rua Antão Girão, em Setúbal, para Lisboa, onde embarcaria para França, em 27 de maio de 1917. Mobilizado para o Corpo Expedicionário de Português (CEP), foi integrado no Batalhão de Infantaria n.º 2, tendo sido louvado «pelo muito zelo e constante dedicação com que desempenhou todos os serviços a seu cargo», «pela maneira inteligente, zelosa e distinta como se desempenhou do ensino de instrução que lhe foi confiada» e «pela maneira inteligente, muito zelo e dedicação com que se desempenhou da acumulação

de serviços de que foi encarregado» (*BOLETIM DO CEP*).

A derrota portuguesa na batalha de La Lys, em 9 de abril de 1918, resultou na sua morte, pelas 11 horas da manhã, por intoxicação de gases e devido a uma grave ferida na nuca, provocada por estilhaços de granada. Foi o único setubalense que perdeu a vida nesta batalha, acabando sepultado no cemitério de Saint Venant. Em homenagem *post mortem*, foi elevado a Tenente, em 27 de maio de 1920, e, por intervenção do Núcleo de Setúbal da Liga dos Combatentes, foi atribuído o seu nome a uma rua no concelho, em 28 de abril de 1926 (*PROCESSO DE FRANCISCO PINTO VIDIGAL*). **[DF]**



FONTE: ÍDOLOS DO DESPORTO, 1969, 6 DE DEZEMBRO. HERMOTECIA MUNICIPAL DE LISBOA



Jacinto João

(Luanda, 25/01/1944 – Setúbal, 29/10/2004)

A Pérola Negra do Sado

Foi em Luanda-Angola que, ainda criança, fundou, com amigos, um clube de bairro: Os Perdidos da Bola. Com 14 anos estreou-se, oficialmente, como jogador de futebol, representando o Benfica do Congo e, posteriormente, o Atlético de Luanda. Aos 19 anos rumou a Lisboa, onde treinou e jogou na equipa de reservas do Sport Lisboa e Benfica durante 5 meses, acabando por regressar a Luanda para jogar no Futebol Clube de Luanda.

Em 1965 regressou a Portugal, dando início à sua ligação à cidade de Setúbal e à sua carreira de 13 épocas futebolísticas como jogador do Vitória Futebol Clube, entre a época de 1965/66 e a última da sua carreira de futebolista, em 1978/79. Inaugura-se, então, a jornada que transformará Jacinto João no símbolo maior do futebol do Vitória e no herói das gentes da sua cidade adotiva,